

INTERTEXTUALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE IMPOLIDEZ EM TEXTOS VERBO-IMAGÉTICOS

INTERTEXTUALITY AS A STRATEGY OF IMPOLITENESS IN VERB-IMAGETIC TEXTS

Jessica Oliveira Fernandes
Eduardo Carvalho de Almeida
Mônica Magalhães Cavalcante
UFC

Resumo: Com o intuito de investigar a realização de atos de impolidez mediante o uso da estratégia da intertextualidade em textos verbo-imagéticos, baseamo-nos nas discussões de Archer (2008), Culpeper (2011) e Fernandes (2022) sobre impolidez, de Carvalho (2018) sobre intertextualidade e de Kress e Van Leeuwen (2021) sobre multimodalidade. Na análise de 3 comentários verbo-imagéticos em resposta à webnotícia publicada pelo Estadão no seu próprio perfil do Twitter sobre o escândalo de corrupção no Ministério da Educação, encontramos estratégias indiretas de impolidez, com o uso da ironia, de processos intertextuais que frequentemente remetem a um conjunto de texto, isto é, alusões amplas. Verificamos ainda a utilização de recursos imagéticos das três metafunções propostas pela Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021) a serviço das estratégias de intertextualidade e de impolidez, tanto com estruturas narrativas como conceituais, diferentes planos de enquadramento, modalidade e distribuição da informação no *layout*.

Palavras-chave: Intertextualidade. Impolidez. Multimodalidade.

Abstract: *In order to investigate the performance of acts of impoliteness through the use of the intertextuality strategy in verbal-imagery texts, we based ourselves on the discussions of Archer (2008), Culpeper (2011) and Fernandes (2022) about impoliteness; of Carvalho (2018) on intertextuality; and of Kress and Van Leeuwen (2021) on multimodality. In the analysis of 3 verbal-imagery comments in response to webnews published by Estadão on its own Twitter profile about the corruption scandal at the Brazil's Ministry of Education, we found indirect strategies of impoliteness, such as the use of irony and of intertextual processes that often refer to a set of texts (that is, broad allusions). We also verified the use of imagery resources from the three metafunctions proposed by Visual Design Grammar (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021) at the service of intertextuality and impoliteness strategies, both with narrative and conceptual structures, different framing planes, modality, and distribution of layout information.*

Keywords: *Intertextuality. Impoliteness. Multimodality.*

INTRODUÇÃO

O uso da agressão, entendida de modo genérico pelo senso comum, é cada vez mais presenciado, especificamente nas redes sociais, em que, apesar das diretrizes virtuais que buscam inibir enunciados convencionalmente agressivos, como os insultos, os atos impolidos tomam formas cada vez mais diversas, visto que as diferentes mídias proporcionam vários recursos possíveis para isso. Sendo assim, a acentuada ocorrência de gestos impolidos é presenciada de modo mais ou menos explícito, por meios verbais ou imagéticos, por recursos tecnolinguageiros, como os emojis, dentre outros.

O objetivo deste trabalho é investigar a realização de atos de impolidez mediante o uso da estratégia da intertextualidade em textos verbo-imagéticos. Com esse propósito, discutimos comentários postados no perfil do jornal Estadão no Twitter em resposta a uma notícia publicada nesse mesmo jornal sobre o “Gabinete paralelo do MEC”. O tuíte, enunciado plurissemiótico composto por até 280 caracteres, com possibilidade de anexar imagens estáticas, *gifs*, vídeos, links etc. (PAVEAU, 2021), é espaço privilegiado para observar interações entre interlocutores por meio de respostas diretas aos textos uns dos outros, o que pode incluir diversas estratégias de impolidez e estratégias multimodais e intertextuais para que os sujeitos construam sentidos nessas interações.

Para a seleção dos comentários, tomamos como base o critério, inicialmente, da presença de imagens para, em seguida, escolhermos os que sinalizavam crítica com algum nível de agressividade. Sendo assim, analisamos 3 comentários verbo-imagéticos.

Por a impolidez assumir variados contornos, sua compreensão envolve aspectos que não se limitam às marcas textuais, até porque as formas convencionais de agressão são, em geral, banidas das redes sociais automaticamente. Por esse motivo, é preciso atentarmos para a forma abrangente com que tomamos o texto, objeto de estudo do qual nos ocupamos e por meio do qual é possível tecer considerações sobre a temática em questão.

A produção de sentidos de um texto, como entendemos, se dá na negociação entre os interactantes dentro de uma situação enunciativa específica, uma vez que concebemos o texto como um evento único e irrepetível. Este constitui-se como uma unidade de sentido em contexto (CAVALCANTE *et alii*, 2019) por meio do uso de estratégias variadas e de modos semióticos diversos, os quais dialogam para compô-lo. Dentre as estratégias de que os locutores lançam mão para negociar sentidos está a intertextualidade, que diz respeito ao diálogo entre os textos pautados na característica da repetição, a qual pode ocorrer de forma mais ou menos explícita.

A intertextualidade é um fenômeno que pressupõe uma espécie de diálogo entre textos, o que difere do dialogismo bakhtiniano inerente ao texto. As formas como um texto remete a outro se dão de modo mais ou menos direto, isto é, em alguns processos intertextuais, o outro texto a que se faz referência é mais claramente identificável, em outros menos, sendo possível, inclusive, remeter a um conjunto de textos. Nesta investigação, vamos nos limitar aos que utilizam recursos imagéticos para a realização dessas remissões.

Para investigar o aspecto multimodal, optamos por adotar pressupostos da Sociosemiótica

e da Gramática do Design Visual (GDV), conforme propostas por Kress (2010) e Kress e van Leeuwen (2021), respectivamente. Tal abordagem admite que a comunicação se dá não apenas por meios verbais, mas por uma gama de modos semióticos – entendidos como recursos semióticos socioculturalmente moldados para produzir sentidos, como escrita, fala, imagem, layout, música, imagem em movimento etc (KRESS, 2010). Nas interações efetivas realizadas entre sujeitos, os sentidos são produzidos por uma combinação desses modos (daí o nome “multimodalidade”), cujos significados advêm da cultura de determinado lugar, em determinada época.

A multimodalidade é entendida como constitutiva de todo texto (DIONÍSIO, 2007), já que, mesmo num texto que usa apenas a escrita, por exemplo, aspectos não verbais constituem estratégias de construção de sentidos: as cores das fontes, o espaçamento entre parágrafos, os recuos de margens, os destaques em caixa alta/caixa baixa etc. Desse modo, é seguro afirmar que, em Linguística Textual, consideramos todo texto como multimodal.

Ao nos alinharmos a essa perspectiva, adotamos também a perspectiva de análise proposta pela GDV, baseada em pressupostos hallidayanos, que examina a comunicação sob três pontos de vista diferentes: (i) um modo semiótico precisa representar significados sobre ações, objetos, eventos do mundo, bem como sensações e fatos psicológicos e abstratos; (ii) precisa haver significados que representem as relações sociais entre aqueles envolvidos na comunicação; (iii) é essencial a capacidade de organizar, num todo completo, os significados veiculados por (i) e (ii). Esses três “pontos de vista” são denominados *metafunções* e, na GDV, recebem os nomes de, respectivamente, *representacional*, *interativa* e *composicional*. Em termos de visualidade, cada metafunção descreve regularidades estabelecidas pela comunicação visual contemporânea da sociedade ocidental em diversas categorias visuais. Tais categorias serão descritas à medida que fizermos a análise de nossos exemplos.

1 IMPOLIDEZ

Nos estudos sobre impolidez, destaca-se a área da Pragmática. Como um dos principais expoentes da temática atualmente, Culpeper (2011) considera o fenômeno vinculado à intencionalidade do falante em atacar a face do ouvinte, uma vez que compreende que, dentre os três tipos de atos ameaçadores de face (doravante AAF) elencados por Goffman, somente o que tem intencionalidade caracteriza o ato impolido, o qual, como defende Fernandes (2022), se aproximaria mais do que se entende por violência verbal.

Porém, na esteira do que defende Archer (2008), acreditamos que todos os três tipos de AAF de Goffman são essenciais para compreendermos o fenômeno da impolidez como um contínuo. O autor destaca a existência dos atos intencionais, incidentais e dos não intencionais. Os primeiros são os mais conhecidos e discutidos na literatura, pois se configuram como os atos mais prototípicos de impolidez, como, por exemplo, os insultos (vagabundo, burro, hipócrita etc). Já os incidentais dizem respeito aos atos que, embora o locutor não tenha a intenção de atacar seu interlocutor, acabam, em alguma medida e levado pelo papel social que exerce, ferindo a face do

outro. Um exemplo de ato incidental é quando, em uma situação de infração de trânsito, o agente precisa, dada a obrigação de sua função, advertir ou, ainda, multar o motorista. Em relação aos atos não intencionais, o ato ameaçador é realizado sem que o locutor se dê conta, sem que ele tenha como objetivo lesar a face de seu interlocutor. Esse tipo de ato, frequentemente, vem seguido de um pedido de desculpas.

Temos proposto (ver Fernandes, 2022) que existe uma gradação em relação à agressividade e, conseqüentemente, em relação à gravidade dos enunciados impolidos. Dessa forma, defendemos que tanto os AAF's intencionais quanto os incidentais e os não intencionais colaboram para esclarecer as nuances entre os diversos tipos de impolidez.

Para essa ponderação, é preciso levar em conta o contrato comunicativo, conforme o entende Charaudeau (2009), presumido pelos participantes em relação a como devem se comportar e ao que devem esperar diante de um evento comunicativo que está se desenrolando. Dessa forma, não há como conceber um enunciado como impolido a priori, como alguns autores da literatura assumem.

A partir desse ponto de vista, concordamos com Culpeper (2005) quando o autor afirma que:

O ataque à face pode ser intencionalmente comunicado, mas não consegue encontrar sua marca de forma alguma, ou, inversamente, o ouvinte pode perceber ou construir um ataque à face intencional por parte do falante quando nenhum ataque foi pretendido (p. 39).

Aliamos os estudos pragmáticos acerca da impolidez aos da Linguística Textual e, para, a partir do entendimento de texto como um evento, analisarmos a ocorrência dos diversos níveis de agressividade. Nossa proposta se enquadra, assim, no que Haugh e Culpeper (2018) caracterizaram como terceira onda, isto é, em estudos que contemplam tanto os aspectos discursivos quanto os formais da impolidez. Em outras palavras, em nossas análises, ao passo que não nos apegamos somente à materialidade textual, não deixamos de percebê-la como pistas para a construção do sentido agressivo dos enunciados em contexto.

Para esta investigação, baseamo-nos em uma das estratégias de textualização possíveis para manifestar a agressividade, a intertextualidade. Esse fenômeno constitui um dos critérios estudados pela Linguística Textual e, a nosso ver, é possível afirmar que ele pode realizar atos ameaçadores de face.

2 OS PROCESSOS INTERTEXTUAIS NA MANIFESTAÇÃO DA IMPOLIDEZ

A intertextualidade, em geral, é entendida de modo estrito e vinculado à identificação de um texto em outro. Visto dessa forma, o fenômeno se restringiria a uma dimensão, muitas vezes, cotextual, ou seja, muito vinculada à materialidade textual, o que deixaria de lado algumas ocorrências concebidas pelo senso comum como intertextuais, inclusive aquelas que se utilizam de outros sistemas semióticos. Essa concepção pode ser percebida na definição de Genette

(2010, p. 12), o qual apresenta intertextualidade como “uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, [...] como presença efetiva de um texto em outro”. Acreditamos, porém, que, mesmo que uma citação não venha com marcas tipográficas que a caracterizam, o fenômeno de intertextualidade não deixa de ocorrer, por exemplo.

Genette (2010) divide ainda as possíveis formas de manifestação dessa estratégia nos seguintes tipos: citação (mais explícita e literal), alusão (menos explícita e menos literal), e plágio (empréstimo literal, não declarado). É válido salientar que o autor dedica seus estudos ao que ele chama de transtextualidade, o que é dividido em intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitekstualidade e hipertextualidade. Desse modo, a intertextualidade é uma das formas de relacionar um texto com outro(s).

Com base nos estudos realizados por Genette (2010), Carvalho (2018) afirma que essa estratégia de textualização é tributária do “velho”, pois, a partir de um texto anterior, é construído o “novo” e, assim, novos sentidos. Dentre as várias formas de esse fenômeno se manifestar em textos, esta autora destaca a distinção entre as intertextualidades em dois grupos, a saber:

- i) estritas, dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto;
- ii) amplas, dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjuntos de textos; são verificadas por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero, ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos (CARVALHO, 2020, p. 106).

Diante dessa divisão quanto à natureza dessa estratégia de textualização, Carvalho (2018) propõe ainda categorias de possíveis ocorrências de intertextualidade em textos. Dentre as intertextualidades estritas, há uma divisão entre as copresenças (formas de existir partes de um texto em outro) e as derivações (formas de modificar um texto para que ele se transforme em outro). Na **copresença**, não há modificações em relação ao texto fonte, ao passo que na derivação sim. É válido ressaltar que a paráfrase, tida por Carvalho (2018) como uma categoria de copresença, é classificada por muitos estudiosos da área como derivação justamente pelo entendimento de mudança em relação ao que ocorre em uma paráfrase, o que a autora diz não ser suficiente para ser considerada uma derivação.

As relações de copresença se subdividem em citação, alusão e paráfrase. A **citação** (com ou sem referência) é a manifestação mais comumente associada ao fenômeno intertextual, pois, em geral, vem marcada com aspas, dois pontos, entre outros recursos contextuais. Essa característica marcada, porém, nem sempre ocorre, o que não descaracteriza o fenômeno de apropriação literal de um trecho de outro texto. A **alusão** estrita é menos marcada que a citação e pode, ainda, vir com sutis modificações em relação ao texto original. Em outras palavras, essa forma de remissão se dá de modo indireto e exige uma percepção mais apurada por parte do

leitor na construção de sentidos. A **paráfrase**, conforme Carvalho (2018), é uma reformulação de um texto outro sem que haja modificações conteudísticas. Há uma equivalência semântica entre os trechos mencionados nesse caso.

Já as relações de **derivação** podem ocorrer por meio da paródia, da transposição ou da metatextualidade. Na **paródia**, é possível ocorrerem modificações na forma, no conteúdo ou, ainda, no propósito do texto parodiado. Essas alterações acontecem com tom humorístico e propósitos diversos, como ridicularizar, criticar, menosprezar. A **transposição** é também uma modificação, porém sem o traço humorístico. Isso ocorre, especialmente, em, por exemplo, adaptações de romances para filmes, em que o enredo se mantém, mas outros elementos, como a forma, o gênero e o estilo sofrem alterações. A **metatextualidade** se dá quando um texto é criticado dando origem a um novo texto completamente relacionado ao primeiro, visto que este justifica a existência daquele, como é o caso das resenhas acadêmicas.

As **intertextualidades amplas**, nas quais não é possível retomar um texto específico, se distribuem, de acordo com Carvalho (2018), em imitações e alusões amplas. No caso das imitações, ocorrem em relação ao gênero ou ao estilo do autor. A **imitação** de parâmetros de gêneros acontece com base em um conjunto de textos, não em relação a um especificamente, uma vez que o parâmetro de gênero é pautado, sócio-historicamente, em um conjunto de textos. Também a partir de um conjunto de textos, a imitação do estilo do autor se dá quando se reconhecem características recorrentes em textos de diversas semioses, como na escrita, nas cores, no *layout* ou, ainda, na pintura de um autor, o que, com objetivos diversos, é reproduzido em um outro texto. No que tange à **alusão ampla**, há uma “menção não a um texto específico, mas a um conjunto de textos, ou a uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura, manifestável por textos diversos” (CARVALHO, 2018, p. 107). Nesse sentido, a inclusão não só de um conjunto de textos, mas de uma situação partilhada coletivamente faz que algumas confusões se desarticulem, como o fato de as intertextualidades amplas serem constantemente confundidas com outros conceitos, como o de interdiscurso ou o de memória discursiva, porém são assim consideradas dada a noção mais ampla de texto que defendemos e, portanto, são atualizadas no evento textual, único e irrepetível, o qual constrói seus sentidos no ato enunciativo.

É oportuno destacar que o fenômeno da intertextualidade, conforme tem sido analisado por linguistas do texto como Faria (2014), Carvalho (2018), Faria e Brito (2016), não se detém apenas à escrita e à fala, mas se constitui por outros modos, principalmente o imagético. Apesar de não usarem pressupostos e categorias da Sociosemiótica, as autoras demonstram que textos pertencentes a gêneros como charge, cartum, tirinhas, *posts* de redes sociais etc. fazem remissões a outros por meio tanto do contexto linguístico quanto imagético. Nesse sentido, como consideramos que todo texto é multimodal, as estratégias textuais, como a intertextualidade, conseqüentemente lançam mão de diversos modos semióticos para se concretizar. Ainda destacamos, nesse estudo, alguns aspectos relacionados à impolidez em textos verbo-imagéticos. Tais aspectos ainda foram pouco explorados na literatura, que, em geral, se detém às marcas linguísticas

3 ANÁLISE DE TUÍTES VERBO-IMAGÉTICOS

Para compreender de que forma atos de impolidez são construídos por meio de estratégias intertextuais multimodais, escolhemos, como exemplário, tuítes que são comentários a um post publicado no dia 22 de junho de 2022 pelo perfil do jornal Estadão no Twitter (Figura 1).



Figura 1 – Tuíte do Estadão

Fonte: Twitter: @Estadao. Disponível em: https://twitter.com/Estadao/status/1539574470163177474?s=20&t=n9Wq7Agmq_MKfVJW-VXMvQ. Acesso em: 3 jul. 2022.

Esse texto é uma chamada para uma notícia que revela que o ex-ministro da educação, Milton Ribeiro, e mais quatro envolvidos em uma operação da Polícia Federal receberam mandado de prisão preventiva ou domiciliar. A acusação era de que essas pessoas estavam envolvidas em esquemas de corrupção para liberar verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) a prefeitos que pagassem propinas em dinheiro ou, até mesmo, em barras de ouro (ORTEGA *et al.*, 2022). Segundo a investigação do Estadão, a prioridade da liberação de verbas seria a prefeitos que fossem amigos do pastor Gilmar Santos. Em reuniões não oficiais no Ministério da Educação, ele cobrava propinas dessas autoridades (AFFONSO; CAFARDO, 2022).

Assim, boa parte das respostas a esse tuíte ironizam e atacam as figuras de Milton Ribeiro e do presidente Jair Bolsonaro, que está implicado na polêmica por um áudio vazado de Ribeiro, que afirma que o presidente foi quem pediu que ele desse prioridade aos prefeitos encaminhados por Gilmar Santos, (MILTON..., 2022) e por ter afirmado, durante uma live, que colocaria “a cara no fogo” pelo ministro.

Feita essa breve contextualização sobre os fatos noticiados, passamos, agora, às análises dos comentários feitos a esse post do Estadão.



Figura 2 – Comentário 1

Fonte: Twitter: @NorthernGring. Disponível em: https://twitter.com/NorthernGrings/status/1539578751058673664?s=20&t=n9Wq7Agmq_MKFVJW-VXMvQ. Acesso em: 3 jul. 2022.

A Figura 2 mostra um comentário publicado pelo usuário @NorthernGring, que utiliza o espaço do tuíte tanto para escrever quanto para anexar uma espécie de montagem visual, provavelmente feita em aplicativos ou programas de edição de imagens. À primeira vista, os elementos dessa bricolagem remetem o leitor a um estilo de imagem religiosa: o fundo celestial; a escada em segundo plano que guia para o espaço superior, que adquire um tom glorioso com um recorte da figura do presidente Jair Bolsonaro em gesto de oração/agradecimento e à figura do ex-ministro Milton Ribeiro, que observa a cena; e as mãos que oferecem aos homens as barras de ouro, a inusitada propina exigida por Ribeiro em seus encontros com os prefeitos.

Em termos de metafunção representacional, a cena colocada no tuíte é uma representação **narrativa**. Nesse tipo de estrutura, segundo Kress e van Leeuwen (2021), há um efeito de uma ação que ocorre (mesmo que se trate de uma imagem estática), criado pelo gesto das mãos que oferecem as barras de ouro aos personagens Bolsonaro e Ribeiro. Nos termos da GDV, os elementos que compõem uma estrutura visual são chamados de *participantes representados* (doravante, PR) – pessoas, objetos, animais, coisas, linhas, formas, letras, isto é, qualquer elemento que foi escolhido para compor o *layout*. Assim, as mãos são o que a GDV chama de Ator (o PR que executa a ação); a representação de Bolsonaro e Ribeiro é a Meta (o PR que recebe a ação); e as linhas formadas pelo “movimento” da mão de oferecer as barras de ouro são o Vetor, que liga Ator e Meta.

Outro elemento bastante saliente na imagem é o dizer “ouremos!” (trocadilho obtido pela junção das palavras “ouro” e “oremos”), que se soma a essa estrutura visual para constituir a crítica encaminhada pelo locutor do texto. A narrativa de oferecer as barras de ouro a Bolsonaro e Ribeiro opera o processo intertextual da alusão, remetendo ao fato de que o pastor Arilton Santos teria pedido um quilo de ouro para liberar recursos para a construção de escolas e creches.

Dessa forma, não só o ex-ministro envolvido no escândalo, mas também o Presidente o qual o nomeou para o cargo têm a honestidade questionada por meio de estratégias que fazem referência, ao mesmo tempo, às falas dos políticos e a contextos amplos. É válido lembrar que o próprio jornal Estadão usa o que, no Twitter, chamamos de fio para contextualizar a notícia publicada. O fio, ou *thread*, é uma prática tecnodiscursiva utilizada, segundo Paveau (2021), para ultrapassar os limites de caracteres impostos pelo tuíte (280 atualmente). Dessa forma, pode-se relacionar uma série de tuítes a um mesmo assunto, como, por exemplo, para fazer a contextualização de um fato usando mais espaço.

Em uma das partes dessa contextualização feita pelo Estadão (Figura 3), há menções ao áudio ao qual a imagem faz referência e, também, um link que direciona ao texto alvo do trocadilho “ouremos”. Por mais que esse recurso de fio tenha o intuito inicial de fazer que o leitor compreenda o plano de fundo da notícia, acaba por colaborar para a construção de sentidos de alguns comentários que fazem uso de processos intertextuais.



Figura 3 – Tuíte Estadão (Fio)

Fonte: Twitter: @Estadao. Disponível em: <https://twitter.com/Estadao/status/1539583982739738624>. Acesso em: 3 jul. 2022.

A essa estratégia representacional de usar uma narrativa para aludir ao esquema de corrupção, somam-se ainda as metafunções interativa e composicional. Dentre as categorias interativas, podemos destacar a **Distância Social**, que se refere ao enquadramento com que um elemento é representado (variando de um plano aberto a um mais próximo, em um *continuum*). Quanto mais próximo o plano, cria-se um efeito de sentido de proximidade, familiaridade, cumplicidade, a depender do contexto. Observando a Figura 2, as mãos e as barras de ouro oferecidas são apresentadas em um plano bastante próximo (como se fosse um ato já familiar ao interlocutor); Bolsonaro e Ribeiro são representados em um ângulo entre o médio e o próximo, o suficiente para destacar suas expressões faciais e suas roupas (ternos, o que os contextualiza como homens do alto escalão do Poder Executivo).

Parte da ironia do enunciado reside na expressão de Bolsonaro e em seu gesto de rezar/agradecer, que, combinado com o ambiente celestial criado pela montagem, encaminha o texto para um tom bastante ácido e, então, impolido. O *layout* criado também pode ser analisado como peça chave na construção da ironia do texto. A metafunção composicional descreve que algumas imagens são montadas opondo as regiões superior e inferior, o que cria duas zonas de sentido. A parte de cima é denominada de **Ideal** e representa os elementos que devem ser lidos como possuidores de uma essência generalizada ou ideal – é a “graça” ideal alcançada por Ribeiro e Bolsonaro. A parte inferior é chamada de **Real** e apresenta uma essência mais factual ou prática. Nesse caso, a alusão ao ato de obter propina por meio de barras de ouro representa a parte prática, de ação.

A imagem se junta ao enunciado verbal “Grande dia”, o qual é uma citação de um tuíte de Bolsonaro (Figura 4). É bastante usada de forma satírica e irônica para retomar a escrita do presidente feita no dia 24 de janeiro de 2019. Esse tuíte teve uma grande repercussão porque grande parte da mídia acreditou que o presidente se referia ao anúncio de que o deputado Jean Wylis (opositor do governo atual) sairia do Brasil após alegar sofrer ameaças de morte, o que foi visto como uma comemoração de Bolsonaro. No entanto, o presidente desmentiu tal afirmação em seguida, alegando que se referia à reunião com chefes de Estado em Davos, na Suíça, que teria sido uma missão concluída (APÓS..., 2019).



Figura 4 – Tuíte de Bolsonaro

Fonte: Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1088500925923246080>. Acesso em: 4 jul. 2022.

O uso das mesmas palavras do Presidente em uma situação de corrupção em que seu governo está envolvido possui uma conotação irônica que reverte a situação e coloca o autor da frase original como alvo de uma crítica. O que queremos mostrar é que essa crítica é ainda mais ácida do que a que é supostamente direcionada a Jean Wylis e que ela constitui uma estratégia argumentativa de impolidez. Essa crítica coloca em xeque um valor defendido pela comunidade, o do exemplo, para enquadrar Jair Bolsonaro como hipócrita, uma vez que a crítica, em geral, é “autorizada” ao agente que não é passível dela. Essa estratégia de usar a fala de outra pessoa em situação diametralmente oposta e de modo irônico é bastante usada nas redes sociais para suscitar indignação no grupo que defende um ponto de vista distinto, tipo de comentário que, muitas vezes, é alvo de respostas explicitamente violentas.

Uma outra estratégia intertextual é usada no comentário da Figura 5 também com uma função irônica. Nele, o locutor utiliza o recurso da citação ao inserir uma captura de tela de uma webnotícia publicada em 13 de abril de 2022 (SOARES, 2022), dois meses antes dos mandados de

prisão. Nesse tuíte, o usuário @roger_cta alia a captura de tela a um *emoji* que representa alguém pensando, refletindo, observando algo com dúvida, e convoca os demais leitores a pensar sobre os dois fatos aludidos, ao sigilo no que tange às reuniões do Presidente com pastores e ao envolvimento destes em um “escândalo na educação”.



Figura 5 – Comentário 2

Fonte: Twitter: @roger_cta. Disponível em: https://twitter.com/roger_cta/status/1539578777885462531. Acesso em: 3 jul. 2022.

É possível entender que o autor do comentário tem uma posição desfavorável em relação à situação e é por meio do emoji e, também, pela inserção da figura de políticos do atual governo que ele critica e questiona a idoneidade dessas figuras. Em outras palavras, em certa medida, há uma intenção de atacar o grupo político do qual Paulo Guedes, Jair Bolsonaro e Milton Ribeiro fazem parte através do apontamento ao equívoco no que tange à atribuição de valores que são acatados pela sociedade a esse grupo. Tal ataque é efetuado, em parte, pela estratégia intertextual de reproduzir tal e qual um fato noticiado por um veículo de comunicação meses antes e que, agora, é ressignificado. Podemos afirmar, com base na GDV, que o uso de uma fotografia na notícia e, consequentemente, na citação atribui confiabilidade à crítica produzida.

A metafunção interativa possui uma categoria chamada **modalidade**, que diz respeito ao grau de confiabilidade e de verdade que atribuímos a mensagens. No contexto de notícias e do fotojornalismo, quando representamos um fato por meio de uma fotografia colorida (que é próxima ao que o olho humano enxerga naturalmente), tem-se um alto grau de veracidade. Por isso, a representação de Guedes, Bolsonaro e Ribeiro na fotografia não cumpre uma função meramente ilustrativa; ela, na verdade, comprova que as reuniões sigilosas que haviam sido noticiadas aconteceram de fato. A escolha de uma fotografia que representa os PR observando algo fora da imagem, uma narrativa **reacional** (quando os vetores são formados pelo olhar), é uma forma de representar uma espécie de “flagra” dessas reuniões sigilosas denunciadas pelo jornal. O olhar de

PRs que não se dirige diretamente ao interlocutor do texto é chamado, na metafunção interativa, de olhar de **Oferta**, cujo sentido é de um PR que se oferece ao leitor como um objeto a ser escrutinado, analisado com atenção.

Já em termos composicionais, a imagem trabalha com a oposição formada entre **Centro** e **Margem**. Quando uma imagem distribui sua informação dessa forma, cria-se o efeito de sentido de que o que está ao centro é a figura que deve ser lida como a mais importante, no caso, o Presidente; o que está nas margens deve ser entendido como algo que não é protagonista do processo visual, mas que está subordinado ao Centro. Essa subordinação evidenciada pela disposição dos políticos colabora para atribuir uma responsabilidade maior pelo ato corruptivo ao Presidente, apontando-o, de modo indireto, como uma pessoa que favorece seus amigos em detrimento do povo, o que o distancia da conduta esperada do cargo que ele ocupa e valorizada pela sociedade.



Figura 6 – Comentário 3

Fonte: Twitter: @PignoBruno. Disponível em: <https://twitter.com/PignoBruno/status/1539582882766901248>. Acesso em: 3 jul. 2022.

Além de alusão e citação, encontramos, em nossos exemplos, um caso de derivação de um texto em outro. Na Figura 6, é feita uma paródia por meio do PR da manopla vestida na mão esquerda da figura que representa o Presidente e, para recuperar a intertextualidade, é preciso conhecer a saga de filmes Os Vingadores. Nesses textos, o vilão Thanos utiliza a chamada “manopla do infinito”, um objeto feito para acomodar as joias do infinito, pedras que, quando usadas em conjunto, permitem que o usuário faça o que quiser com o universo. De forma semelhante, esse objeto é retomado nesse cartum postado no comentário e modificado, cujas joias, na versão de Bolsonaro, são “asfalto”, “busão” e “MEC” – alusões a possíveis casos de superfaturamento na construção de rodovias e em licitações de ônibus, além do caso de corrupção no MEC mencionada no tuíte ao qual este comentário responde.

O uso satírico da manopla do infinito com as novas joias do universo, tendo Bolsonaro como o vilão, é feito visualmente por meio de uma estrutura representacional **analítica**. Esse tipo de estratégia visual coloca um PR denominado **Portador** (no caso, Bolsonaro) e exhibe as partes

desse participante, chamadas de **Atributos Possessivos** (o saco de dinheiro, a manopla, as joias, o rosto). A intenção desse tipo de representação não é simular algo dinâmico acontecendo, como nas narrativas descritas anteriormente, mas mostrar os PR de uma forma mais estática, focalizando um caráter **conceitual**, nome dado ao tipo de estrutura oposta às narrativas. Nesse sentido, mostra-se um PR e suas posses, para que o interlocutor possa perceber as partes e o todo, que são selecionadas pelo produtor da imagem para guiar a interpretação para determinados pontos de vista, nesse caso satíricos.

Observamos que os outros elementos da imagem, a figura de Bolsonaro, o saco de dinheiro, o fundo roxo, não remetem a algum elemento específico do universo de Os Vingadores, mas imitam, de forma mais ampla, o estilo das histórias em quadrinho. Em termos da categoria interativa da modalidade, a imitação de estilo não usa o padrão da fotografia, mas sim traços de desenho para adquirir um grau de veracidade alto dentro da lógica das HQs. A modalidade é relativa e depende do contexto, do gênero, do estilo e da intencionalidade do locutor, por isso usar traços de desenho é algo bastante efetivo para produzir a ironia que o texto constrói. A expressão facial com que o desenho de Bolsonaro é representado atribui a ele características de um vilão, e seu olhar de **Demanda** (quando o PR olha diretamente para o interlocutor) cria o efeito de um apelo visual em que se reproduz visualmente uma relação de medo e opressão. Essa associação do Presidente ao vilão Thanos consiste em uma forma satírica de ofendê-lo, uma estratégia imagética que pode ser associada à impolidez.

Composicionalmente, a crítica é dirigida ao governo de Bolsonaro e à sua figura pela oposição feita entre as categorias de **Dado** e **Novo**, obtidas quando o *layout* opõe as informações colocadas à direita e à esquerda, respectivamente. O elemento Dado é representado pelo saco de dinheiro, que alude ao ganho de riquezas pelo desenho do Presidente, que deve ser interpretado como algo já conhecido e objeto de consenso. O elemento Novo é a junção da manopla e das joias do “bolsolão do infinito”, remetendo o leitor às acusações de corrupção representadas pelas pedras, que devem ser interpretadas como algo ainda não conhecido, mas do qual se deve tomar nota como um elemento surpresa. Essa associação à corrupção é uma forma de ofender a figura à qual os usuários atribuem a responsabilidade no que tange não só ao fato noticiado pelo Estadão, mas também a outras situações de suspeita que envolvem o governo do qual Jair Bolsonaro é líder. Pelo fato de a corrupção ser uma atitude negativa e rechaçada pela sociedade brasileira, consideramos essas ligações feitas nos comentários como ofensas veladas, um tipo de impolidez indireta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais, de modo geral, possuem diretrizes e artifícios que permitem a construção do texto e, conseqüentemente, de sentidos e que, ao mesmo tempo, restringem alguns usos. Nesse sentido, o Twitter permite o uso de recursos diversos como a inserção de imagens (estáticas e dinâmicas), emojis, links etc, ao passo que restringe o uso de construções verbais (mais vinculadas ao âmbito do léxico) violentas e à utilização de 280 caracteres. Essas circunstâncias impostas pela

rede social colaboram para que os usuários adotem estratégias específicas na construção do texto.

Diante disso, apesar da realização de processos intertextuais de âmbito restrito, a recorrência de estratégias mais amplas de intertextualidade, a nosso ver, evidencia uma alternativa ao espaço restrito possibilitado pela rede social. Ao recorrer a alusões amplas, por exemplo, o interlocutor acaba evocando um plano de fundo maior e que permite construir sentidos complexos com o uso de porções cotextuais mais reduzidas.

Encontramos, ainda, comentários que utilizavam diferentes estratégias intertextuais com a mesma função de ironizar e criticar, de forma satírica, o fato noticiado. Acreditamos que o fato de a rede social, de modo automático, restringir o uso da violência verbal fez que os usuários afrontassem o ponto de vista contrário ao defendido por eles por meio de estratégias menos evidentes como o uso da ironia ou, ainda, o recurso de suscitar uma possível dúvida, ou seja, colocar em xeque, questionar algum posicionamento.

Para isso, observamos que diferentes categorias visuais auxiliaram na construção das ironias operadas pelos PR escolhidos para compor os processos visuais em que foram colocados. As estruturas narrativas presentes nos comentários 1 e 2, por exemplo, tiveram a função de reconstruir imagetivamente os fatos criticados pelos interlocutores, a saber, o esquema de corrupção denunciado no MEC e as reuniões sigilosas que ocorriam nesse ministério meses antes. Também a estrutura analítica no comentário 3 serviu ao mesmo propósito, ainda que por uma estratégia diferente de exibir as partes (acúmulo de riquezas, casos de corrupção, expressão de agressividade e poder) de um todo (o governo Bolsonaro). Tais estratégias verbo-imagéticas colaboraram com as estratégias intertextuais de alusão, citação, paródia e imitação identificadas em nossos exemplos a fim de atacar indiretamente as figuras públicas em foco.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, J.; CAFARDO, R. Pastor ofereceu 50% de desconto na propina para liberar verbas do MEC, diz prefeito; ouça áudio. *Estadão*, [s.l.], 24 mar. 2022. Seção Política. On-line. Disponível em: <https://politica.estado.com.br/noticias/geral,pastor-ofereceu-50-de-desconto-na-propina-no-mec-diz-prefeito-ouca-o-audio,70004017992>. Acesso em: 4 jul. 2022.

APÓS polêmica, Bolsonaro diz que mensagem foi para comemorar ‘missão’ em Davos. *Estado de Minas*, [s.l.], 24 jan. 2019. Seção Política. On-line. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/01/24/interna_politica,1024282/apos-polemica-bolsonaro-diz-que-mensagem-foi-para-comemorar-missao.shtml. Acesso em: 4 jul. 2022.

ARCHER, D. E. Verbal aggression and impoliteness. Related or synonymous? *In*: BOUSFIELD, D., LOCHER, M. A. *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 181-207.

CARVALHO, A. P. L. *Sobre intertextualidades escritas e amplas*. 2018. 136f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza

(CE), 2018.

CAVALCANTE, M. M. et al. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (Con)textos Linguísticos*. Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

CULPEPER, J. *Impoliteness: using language to cause offence*. (Studies in Interactional Sociolinguistics, 28). Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Eds.). *Fala e escrita*. 1 ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 177-204.

FARIA, M. G. S. *Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.

FARIA, M. G. S.; BRITO, M. A. P. Intertextualidade e textos multimodais: uma relação estreita. *Interseções*, [s.l.], ed. 18, n. 1, p. 112-129, fev., 2016. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1257/1140>. Acesso em: 3 jan. 2022.

FERNANDES, J. O. *Uma análise textual da violência como estratégia argumentativa*. 2022. 90 f. Tese em andamento (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2022.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis – RJ: Vozes, [1967] 2011.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the Grammar of Visual Design*. 3rd. ed. London: Routledge, 2021. London: Routledge, 2010.

MILTON Ribeiro: Entenda por que o ex-ministro foi preso e como operavam os pastores no MEC. *Estadão*, [s.l.], 22 jun. 2022. Seção Política. On-line. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/milton-ribeiro-entenda-por-que-o-ex-ministro-foi-preso-e-como-operavam-os-pastores-no-mec/>. Acesso em: 4 jul. 2022.

ORTEGA, P. et al. PF prende ex-ministro Milton Ribeiro e pastores por ‘gabinete paralelo’ no MEC. *Estadão*, [s.l.], 22 jun. 2022. Seção Política. On-line. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/pf-operacao-acesso-pago-gabinete-paralelo-milton-ribeiro/>. Acesso em: 4 jul. 2022.

PAVEAU, M. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SOARES, I. Planalto decreta sigilo em encontros de Bolsonaro com pastores lobistas do MEC. *Correio Braziliense*, [s.l.], 13 abr. 2022. Seção Política. On-line. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2022/04/5000301-planalto-decreta-sigilo-em-encontros-de-bolsonaro-com-pastores-lobistas-do-mec.html>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Jessica Oliveira Fernandes

É graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual do Ceará, Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Atualmente, realiza pesquisa de doutoramento na área de Linguística Textual, na Universidade Federal do Ceará, com foco nas marcas textuais de Impolidez na rede social Twitter, membro do Grupo Protexito (UFC)
E-mail: jessica.fernandes36@gmail.com

Eduardo Carvalho de Almeida

Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), graduado em Letras - Português e Alemão pela UFC. Membro do Grupo Protexito (UFC), E-mail: eduardoalmeidac@gmail.com

Mônica Magalhães Cavalcante

É graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1985); mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (1996) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). Em 2003, fez pós-doutorado em Linguística pela Unicamp. Desde 1989, é professora da Universidade Federal do Ceará e, atualmente, é bolsista CNPq de Produtividade em Pesquisa nível PQ-1D.
Líder do Grupo Protexito (UFC). E-mail: monicamc02@gmail.com

Recebido em 10/02/2022.

Aceito em 10/03/2022